

A operação analítica hoje: interpretação e clínica do ato

As mutações sofridas pela ordem simbólica ao longo de mais de um século de existência da psicanálise e a dominância das imagens na civilização contemporânea impõem novas leituras do mal-estar no horizonte de nossa cultura e a apresentação de propostas coerentes com nosso tempo. Como consequência do trabalho empreendido nas linhas de pesquisa “Teoria da Clínica Psicanalítica” e “Psicanálise e Sociedade”, às quais se conjuga a linha de pesquisa “Fundamentos Teóricos e Históricos da Psicanálise”, o Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro traz ao leitor uma série de propostas e reflexões desenvolvidas em seus núcleos e grupos de pesquisa, no intuito de delinear a operação analítica condizente com as configurações atuais do sintoma e o gozo que nele insiste inexoravelmente.

O laço social se transforma sob o impacto da aliança renovada entre discurso científico e capitalismo, dando lugar a novas manifestações do mal-estar e à deriva do gozo. A psicanálise também muda não porque reflita o laço social, e sim porque o sintoma assim o requer, pelo papel que o objeto desempenha em economias de gozo não reguladas pelo ideal paterno, pelo fato de a experiência submeter à prova os conceitos, reorientando sua formulação, ou ainda, e principalmente, porque ao discurso analítico cabe fazer existir o inconsciente. Em outros termos, por razões de ordem clínica, é preciso enfrentar os mais diversos modos de apresentação da satisfação paradoxal própria aos falantes; por razões de ordem epistêmica, trata-se de associar ao tratamento a investigação sobre a resposta do analista face àquela; e por razões de ordem política, ao sintoma – e, por extensão, à inibição, à angústia, às compulsões, às adições e às passagens ao ato – cumpre fazer corresponder o inconsciente, à diferença das práticas para as quais aquele, em vez de solidário ao inconsciente, expressa um transtorno na ordem vital, cujos efeitos poderiam ser mitigados ou mesmo debelados.

O que se faz, quando se faz psicanálise? De Freud aos dias de hoje, a experiência do inconsciente tem exigido constante exame do que foi inicialmente designado como técnica e em seguida situado como a tática da interpretação, solidária ao manejo da transferência, entendida como estratégia que condiciona a operação analítica. Subordinada à ética da psicanálise, essa operação compreende a interpretação e o ato psicanalíticos comprometidos com o real.

Os trabalhos que se seguem interrogam quer o laço social contemporâneo a partir da psicanálise, quer a interpretação e o ato num amplo escopo, que vai da experiência daqueles que passam de analisantes a analistas à extensão da psicanálise a instituições de saúde.

Em “O humano e o inumano: sobre a disponibilização de óvulos, sêmen e embriões”, Joel Birman e Simone Perelson partem da disjunção entre conhecimento e pensamento – entre o que se é capaz de fazer e o que é possível dizer ou significar – superposta ao divórcio entre o mundo dos fatos e o mundo dos valores operado pela cisão entre moral e ciência. Nesse marco, perguntam-se pela resposta da psicanálise diante da ascensão e do declínio da figura do homem que se apresenta sob a forma de fragmentos e restos corporais da tecnociência.

As transformações atravessadas pelo ensino de Jacques Lacan no tocante à prática interpretativa permeiam “O sentido da interpretação”, artigo de Angélica Bastos e Mariana Mollica da Costa Ribeiro que parte do sentido oculto dos sonhos, passa pelo sentido do qual se goza e segue em direção ao sentido real, valendo-se do caso Philippe, apresentado por Serge Leclair e comentado por Jacques Lacan.

Ao atualizar a problemática da interpretação, Tania Coelho dos Santos, Andréa Martello e Livia Beatriz Lisboa Pereira dedicam-se a extrair da reformulação da concepção de sintoma – grafado então *sinthoma* – exigências clínicas e consequências para o tratamento analítico do real que ele envolve. Em “A interpretação analítica do real sem sentido do *sinthoma*”, recoloca-se a questão da operação que visa não ao sentido, mas ao sem sentido que é próprio ao real.

A interpretação é revisitada por vias que assinalam o encontro da psicanálise com as psicoses na abordagem conduzida por Fabienne Hulak no artigo intitulado “Sobre ‘alíngua’ e seu uso”. O livro de Louis Wolfson sobre o estudante esquizofrênico de línguas estrangeiras presta-se, com base na leitura de Lacan sobre a obra de James Joyce, a uma proposta de intradução, ao invés de tradução.

No que concerne ao campo dos atos, começa-se com a psicanálise em intensão e o ato analítico, por este ter como paradigma a passagem de ana-

lisante a analista e dele depender o início de cada psicanálise. No artigo “O ato psicanalítico e a função da transferência: testemunhos de passantes”, Ana Carolina Borges Leão Martins e Maria Cristina Poli recorrem a relatos de passe para discutir a formação do psicanalista.

Em “O lugar da inibição na clínica contemporânea”, Leonardo Câmara, Regina Herzog, Fernanda Pacheco-Ferreira e Julio Verztman abordam a inibição, entendida como a dificuldade ou mesmo a impossibilidade de agir, trazendo questões à posição do analista, bem como à direção do tratamento. Tais questões não apenas demarcam limites ao trabalho interpretativo, mas também levam a repensar o lugar do ato – e sua ausência – na experiência psicanalítica.

Outra vertente da problemática do ato é explorada mediante a análise das bases do fenômeno da crueldade no artigo “A crueldade em ato: marca de uma indiferença extrema”. Para Pedro Henrique de Oliveira Efken e Marta Rezende Cardoso, a crueldade colocada em ato presta-se à investigação da dimensão da indiferença na relação com o outro, a qual pode ser apreendida seja na clínica psicanalítica, seja em produções da cultura.

A psicanálise, ao se fazer presente na instituição hospitalar, recoloca a pertinência da interpretação e do ato psicanalítico em contexto que escapa à sua intensão. Em “Sobre o ato e um lugar para a psicanálise na medicina”, Deborah Melo Ferreira e Ana Beatriz Freire, com a ajuda de fragmento clínico, discorrem sobre limites e vias de trabalho com pacientes acometidos de câncer e engajados, por meio da fala, no enfrentamento do mal-estar desencadeado em suas vidas.

Por fim, antes da passagem aos oito textos aqui reunidos, manifesto meus agradecimentos àqueles que, gentilmente, contribuíram como pareceristas deste livro: Amândio Gomes, Ana Lila Lejarraga, Andréa Maris Campos Guerra, Ângela Vorcaro, Isabel Fortes, Manoel Berlinck, Marcus André Vieira e Paulo Vidal.

ANGÉLICA BASTOS